

**“Ouro Branco na Paulicéia”**

**White gold in Paulicéia**

**Débora Caramaschi de Campos**

**Faculdade Senac de Moda**

**debora.caram@amcham.br**

**resumo**

Este artigo aborda uma das rotas do desenvolvimento e cultivo do algodão, entre a segunda metade do século XIX e sua expansão na primeira metade do século XX, refletindo sobre as relações e interlocuções em torno da produção de um bem que qualificou a cidade de São Paulo como grande centro industrial, comercial e de confecção da moda nacional.

**palavras-chave:** algodão; indústria têxtil; São Paulo.

**abstract**

*This article talks about the routes of the development and cultivation of the cotton, between the second half of nineteenth-century and its expansion on the first half of twentieth-century, reflecting about the relationships around the production of a good which qualified the city of São Paulo as a big industrial, commercial and of Brazilian fashion production center.*

**key words:** *cotton; fabric industry; São Paulo.*

## Ouro Branco<sup>1</sup> na Paulicéia

### Débora Carammaschi de Campos

#### Introdução

Nos últimos anos, pesquisadores e educadores observam o ato de cobrir o corpo como um suporte para explicar e interagir no terreno da história humana, atraídos e seduzidos a desvendar no uso de roupas, a formação, linguagem, singularidades, particularidades, raízes, variações, aglomerações e tensões sociais dos diversos grupos sociais. As transformações da contemporaneidade, entre outras questões, têm levado os historiadores a se debruçar sobre os estudos da memória, que por sua vez vêm causando impactos, ampliam inquietações sobre o cotidiano e favorecendo pesquisas que contemplam a abordagem do urbano.

Utilizar a cultura do algodão como meio sensível e de memória é a escolha para a construção deste artigo que percorre um dos polêmicos processos de industrialização ocorridos na cidade de São Paulo – a industrialização de têxteis.

A matéria-prima, o algodão, dentre as múltiplas manifestações e problemáticas econômicas do processo de industrialização do mesmo no Brasil, percorreu os anos de 1813 a 1830 como um período inicial e de navegação possível, frente investigações o qual encontramos registros da vinda de mestres tecelões estrangeiros como fonte de ensino aos trabalhadores paulistas, numa luta e tentativa por avanços nos processos mais modernos de fiar e tecer, o que permite alterar a idéia de que na incipiente indústria brasileira não se tenha feito esforços para se conseguir produto acabado de melhor qualidade (MELLO, 1983).

---

<sup>1</sup> Chataignair, Gilda. Algodão: fora conhecido primitivamente como lã de madeira ou lã de árvore e também como ouro branco, dado seu aspecto de tufo que se assemelham a bolas de lã, oriundas das ramas e associada a um alto valor mercadológico, 2006 p. 39.

Os processos de produção, manufatura, comercialização e exportação eram tidos como promissores e o desenvolvimento da cultura do algodão, produto que abrangeu muitos mercados pelo mundo afora, caminhou sob perspectiva e disputas econômicas.

Parece que as relações entre o povoado e sua mão-de-obra, desde a fundação da Vila de São Paulo de Piratininga (Cidade de São Paulo), estiveram atreladas numa administração de controle, imposições de normas e regras, submissões de obediência, taxaço de pena, multa e desprezo, retardando e atrasando o processo produtivo e de comercialização do algodão brasileiro como produto de moda.

Como retoma Garcia (2008, p.25) dentre os itens mais utilizados na produção de artigos de vestuários e artesanato decorativo no Brasil de hoje, está o tecido de algodão barato, de trama aberta e estampa floral, conhecido como chitão<sup>2</sup>.

Neste artigo, apresento muito sucintamente um caminho possível de pesquisa sobre a história do algodão desde as Grandes Navegações até os nossos dias, onde busco focar na cidade de São Paulo, uma noção e significado da diversidade de análises que este assunto permite conquistar e desvendar.

---

<sup>2</sup> Chitão. Termo que surge nos anos 1950, se caracteriza pelas estampas bem grande, em cores vivas, com traços de grafite delineando contornos, resultado do aparecimento de muitas transformações e estampas elaboradas, movimentando a produção de algodão (MELLÃO e IMBROISI, 2005, p.30).

“A forma de uma cidade muda mais depressa,  
ai de nós,  
que o coração é de um mortal”.

*Boudelaire*

### **Ouro Branco<sup>3</sup> na Paulicéia**

O tempo de nossa história se acelera vertiginosamente. É um tempo marcado pelas mudanças, transformações e distribuições, que contrasta com outros tempos: os tempos das permanências, da continuação e da memória (MATOS, 2002, p.32).

Na perspectiva paulista, a produção de algodão nacional adquiria importância e surgiam interesses por pesquisá-lo e melhorá-lo, onde pouco a pouco, novas técnicas percorrem os trilhos da modernidade que deram à cidade a qualidade de importante área de fomentação industrial, propiciando investimentos, expansão, poder e posses.

Para Stallybrass (2004, p. 16) “pensar sobre a roupa, sobre roupas, significa pensar sobre memória, mas também sobre poder e posse“. Assim, desvendar formas, sentidos e tecidos, inquietações presentes na pesquisa, elucidada a cultura do algodão, matéria-prima nacional brasileira, transformados em tecidos para vestir.

Um “tecido é, sem dúvida, identidade cultural, com enraizamentos históricos e geográficos, que traçam um interessante e peculiar mapa-múndi” e embora o algodão brasileiro esteja presente em sua História, ainda somos lembrados como uma nação sem tecido e se lembrada, associada a tecidos grosseiros para as roupas de escravos (Chataignier, 2006, p. 95).

---

<sup>3</sup> Chataignier, Gilda. Algodão: fora conhecido primitivamente como lã de madeira ou lã de árvore e também como ouro branco, dado seu aspecto de tufo que se assemelham a bolas de lã, oriundas das ramas e associada a um alto valor mercadológico, 2006 p. 39.

Uma lembrança que aparece em outras investigações, como no livro Modos de homem, modas de mulheres (2002), em que o autor, Gilberto Freyre, defende o ato de “cobrir o corpo” a partir das modas adaptadas ao clima tropical em detrimento das modas de todo europeia ou norte-americana.

Países como Inglaterra, França e Estados Unidos estiveram a disputar os segredos e embates do comércio do algodão, que, a partir da década de 60 do século XIX, encontram, na manufatura do produto de algodão, gênero indispensável no êxito de suas economias. A sociedade inglesa na época reconhecia no algodão “gênero tão indispensável como o pão” (CANABRAVA, 1951, p. 8).

E é percorrendo o caminho da cultura do algodão que se descobre que a Inglaterra teve interesse na aplicação de investimentos para industrialização têxtil em novos mercados, e a província de São Paulo foi um dos lugares destinados a exploração.

Esforços para o desenvolvimento do algodão na província da São Paulo datam de 1861 e seriam contemporâneos da abertura das hostilidades da guerra civil americana. Entre as explorações da cultura do algodão, temos exemplo do industrial inglês Jean Jacques Aubertin, um cidadão britânico que, estando em passeio pelos arredores da capital paulista, identificou algumas cápsulas de algodão de uma árvore nas proximidades da várzea do rio Tietê. Embora sua primeira impressão tivesse sido do encontro de uma planta selvagem, as colheu e enviou para as autoridades londrinas registrando entre suas observações, as facilidades reveladas na cultura da planta, que estava abandonada num campo vasto (CANABRAVA, 1951).

Segundo Freitas, o paulista abastado de 1822 já era escravo da moda importada. O autor reconstrói algumas reminiscências dos modos e costumes dos paulistas por intermédio do vestuário e acessórios importados utilizados pelas elites da época

... usava calções de cor, casaca e chapéu alto, de Braga; espadim nos dias de grande gala e habitualmente cabeleira de rabinho, traje que evolui para o rebicão de 1830... a do tenente-general José Arouche de

Toledo Rendon foi a penúltima a desaparecer, o que aconteceu com a morte do ilustre paulista, em 1834. Em 1850 e pelos anos seguintes em uso a casaca: a última de uso diária, que perambulou pelas ruas da Paulicéia, foi a do popular cidadão Tomás da Dores, em 1865... . As senhoras usavam vestidos redondos, cheios, em prenúncios de se enfunarem nos bolões que deveriam permanecer em moda, de 1835 a 1870; vestidos bastante curtos para deixarem ver elegante botinas de salto vermelho, bordadas de lantejola. Em complemento aos balões de 1866-1867, esteve um uso o *suat-em-barque*, indiscutivelmente avô materno dos atuais casacos masculinos cintados, almofadinhas... Depois dos balões vieram as caudas de metro e meio e suas gradações; as anquinhas até 1889, as meias caudas, estas porém, já nos domínios da história da nova Paulicéia... (1978, pp. 103-104).

No Brasil, as confecções de tecidos ainda apresentavam condições rudimentares, o que mantinha a valorização e continuo uso de produtos importados. Fatos que reforçam a falta e uso de tecidos nacionais.

As indústrias têxteis inglesas, preocupadas com os novos tempos, novos tecidos e novidades para o vestir, negociam, junto aos agricultores paulistas e às autoridades governamentais no ano de 1861, a criação de um mercado para suprimentos de algodão para as fábricas de tecido da Inglaterra o que desencadeou um acordo entre os anos de 1869-70. Neste período o Brasil exportou para Inglaterra 44.794 fardos de algodão, destinados a Liverpool e 50.730 fardos enviados para o Havre (CANABRAVA, 1951).

Cita Villares (1937) que a economia brasileira prosperou durante toda a segunda metade do século XIX. A nação brasileira ingressou em novo ciclo de desenvolvimento econômico-social e quanto mais se pesquisava a situação política e econômica, mais evidentes se tornavam os fatos com relação ao futuro reservado para São Paulo, que desde os primórdios da independência vinha sendo pioneiro de iniciativas nacionais. O autor comenta também que a população paulista havia inundado o mundo do café e começava a trilhar sem limites o caminho do algodão.

Os sucessos financeiros da conhecida “terra rica” - assim denominado por alguns ingleses - progressista e grande para os que nela trabalham, nativos ou vindos de outras partes do mundo, tornam-se motivo de atração interminável. Fama gerada provavelmente por propaganda da época para despertar e aumentar o desejo dos indivíduos em participar do desenvolvimento paulista.

O algodão tornou-se moeda de troca e coloca a cidade paulista na rota mundial de abastecimento como fornecedor e exportador da matéria-prima, uma árdua atividade numa emancipação inevitável a partir da segunda metade do século XIX.

Segundo Carone (2001, p.94), entre os anos de “1850 a 1880-90 surgiram indústrias com diferentes capacidades de produção e variedade de produtos” e a “liderança nesse momento coube à indústria têxtil”. A cidade de São Paulo adentra o século XX, nomeando o algodão carro-chefe nacional, motivo de expansão financeira e industrial.

As indústrias têxteis inglesas foram grandes compradoras das fibras brasileiras do algodão, pois apreciavam a sua qualidade e finura, e o século XIX foi generoso nessa exportação. Na primeira metade do século XX, o surto industrial de têxteis, que se complementaram com aumento das lavouras de algodão eleva a cidade de São Paulo à posição de primeiro e maior centro manufatureiro da América do Sul.

O processo de industrialização do algodão na cidade de São Paulo revela o crescimento como parte da vida econômica na cidade e uma atividade com ganho proeminência desde a segunda metade do século XIX até as cinco primeiras décadas do século XX.

São Paulo começou a ser observada do ponto de vista de sua localização e geografia, as vantagens para as atividades manufatureiras são mensuradas, e aponta-se o próspero e acelerado poder consumidor pelo número populacional expressivo, que se faz estratégico e alavanca importações e exportações também nessa zona produtora e consumidora entre os estados brasileiros (Carone, 2001).

Segundo Howarick (1994), a evolução da população de São Paulo, do ponto de vista histórico, atingiu no fim do Império (1872-1889) 30.000 habitantes; na Primeira República (1889-1930), o total de 580.000 habitantes; e entre a Era Vargas (1930-1945) e o período Populista (1946-1964) estima-se ter atingido 3.800.000 habitantes, fato este de relevância e de prosperidade industrial paulista (1994).

Foi a capital de São Paulo, localizada em rota de ligação ferroviária, que disponibilizou de outros mercados, a colocação de seus produtos, facilitando a distribuição e tendo um ônus menor, tornando sólida a base para melhor remuneração e garantias do capital, muito embora boa parte do consumo gerado pelas indústrias de São Paulo fosse consumida internamente (DURAND, 1985).

Dessa emancipação a cidade torna-se um grande centro de manufatura e ganha proeminência no processo de fabricação de têxteis, transformando e destacando a cidade como grande difusor da produção nacional. Na primeira metade do século XX, período em que o comportamento da indústria têxtil algodoeira estabeleceu interações e relações junto à vida cotidiana de seus habitantes, permitiu o surgimento de uma agenda nacional com o surgimento de espaços oficiais de difusão para sua produção, no caso a FENIT<sup>4</sup>. Um espaço logístico que possibilitou o reconhecimento profissional de estilistas brasileiros, talentosos costureiros que confirmam na passarela suas esplêndidas produções utilizando em parte de suas coleções o tecido de algodão nacional.

Nas passarelas da 1ª FENIT se pode encontrar vestidos produzidos por nomes como Dener e Clodovil, duas referências para alta-costura. Além de outros nomes como Guilherme Guimarães, José Nunes, Ronaldo Esper, Zuzu Angel, Madame Rosita e Dona Mena Fiala criadores proeminentes. O algodão começa a ser consumido como produto qualificado e de moda. O setor de fabricação de têxteis e de confecção na primeira metade do século XX também emprega para estas atividades, imigrantes, que de empregados

---

<sup>4</sup> FENIT – Feira Nacional da Indústria Têxtil, criada em 1958, com a finalidade organizar a produção têxtil nacional entre indústrias, comerciantes e criadores de moda.

passaram a proprietários de pequenos negócios até construírem impérios de teares e de máquinas de costura.

O algodão na contemporaneidade é tido como “a fibra mais usada no mundo” (Chataignair, 2006, p. 39) e cerca de três quartos da população mundial, o utiliza no vestir ou no uso de utilitários, um fato merecedor de atenção e convite de contínua renovação para desvendar novas andanças pela Paulicéia desvairada, que apresenta contradição merecedora de aprofundamentos culturais de uma nação por vezes “desvestida”.

### **Referências Bibliográficas**

- CAMPOS, C. Malta; GAMA L. Helena; SACCHETTA, Vladimir. **São Paulo, metrópole em transito**: percursos, urbanos e culturais. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.
- CANABRAVA, Alice Piffer. **O desenvolvimento da cultura do algodão na província de São Paulo – 1861-75**. São Paulo: Tese apresentada ao concurso da Xª, Cadeira da Faculdade de Ciências Econômicas e Administração – USP, 1951.
- CARONE, Edgard. **A Evolução Industrial de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.
- CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio**: moda e linguagem. São Paulo: Estação das Letras, 2006.
- DURAND, José Carlos. **Formação da indústria têxtil no Brasil (1850-1965)**. In: RATINER, Henrique. (Org.). Pequena empresa o comportamento empresarial na acumulação e na luta pela sobrevivência. São Paulo: Editora Brasiliense 1985.
- FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 4ª ed., 2002.
- FREITAS, Affonso A. **Tradição e reminiscências paulistas**. v. 9. São Paulo: Governo do Estado, 1978.
- GARCIA, Carol. **Chita, Chitinha, Chitão**: iconografia no *design* têxtil brasileiro. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CASTILHO, Kathia. Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2008.
- MATOS, Maria Izilda Santos. **Cotidiano e Cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MELLÃO, Renato; IMBROISI, Renato. **Que chita bacana**. São Paulo: A Casa - Museu do Objeto Brasileiro, 2005.

MELLO, Maria Regina Ciparrone. **A industrialização do algodão em São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx** – roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VILLARES, Henrique Dumont. **São Paulo Industrial**. [s.n.]. São Paulo, 1937.

Débora Carammaschi

Especialista em História da Indumentária e da Moda, com Licenciatura Plena em Imagem Pessoal. Professora e pesquisadora em história da moda e consultora em políticas educacionais no trabalho de avaliação por competência.

**E-mail: [debora.caram@amcham.com.br](mailto:debora.caram@amcham.com.br)**